

MUSEU DA PESSOA

História

a barra é tudo tudo é barra

História de: [Dori Carvalho](#)

Autor: [Dori Carvalho](#)

Publicado em: 02/07/2008

História completa

"A BARRA É TUDO TUDO É BARRA para dona Silota, minha mãe, na distância, com amor. "A barra é tudo tudo é barra. A praça da matriz, a festa da lapa, a quermesse, seu Chiquinho barbeiro e o grupo dos onze, o sete no açougue do seu Júlio de Lollo, tio Décio com as baterias Heliar e as memoráveis pescarias, as serestas do seu Anis, o dentista da dona Ernestina, que ensinou a gente a gostar de Silvio Caldas, o Lando, o João e o Beto, que assustavam as meninas com dentes de vampiro e pálpebras reviradas. a barra é tudo tudo é barra. A dona Terezinha, dona Célia, dona Elza e o presente mais bonito, Os Três Mosqueteiros, dona Yone que nos ensinaram as primeiras palavras, a Mariúcha, a Rochana e o Paulinho Filet, que mergulhava no ar e voava nas águas, filhos do professor Crezo, nosso primeiro comunista, como choramos dentro do cinema com a notícia do acidente que o levou, mas a história continuou, como sempre, no encanto da professora Solange Ferrero; tudo que sei aprendi com eles, os primeiros mestres. a barra é tudo tudo é barra. seu Valdovino, meu pai, que pisava em brasas, cada dia me pareço mais com ele, e sua sapataria cheia de política, espiritismo, pássaros e sonhos ancestrais de sindicalismo, o armazém do Cecílio que cresceu com a gente e com o Roberto, o nosso turquinho, amigo de todas as horas, a dona Lídia, o Iu, quer dizer, Alfredo, o Eduardo, a Regina, a Tereza, a padaria dos Gomes e meu amigo Joãozinho, o seu Álvaro Bosqueto e a filha guerreira, a Leila, sempre irmã, seu Nelson e o grupo escolar Sylvio Torquato Junqueira, os Junqueiras com suas terras, pólo e cafezais e, claro, a Bia, o chopp, a boemia que ficou no lugar da estrada de ferro que mudaram pra outro lugar e não mais aquele cuidado-pare-olhe-escute a caminho de casa, o Oscarzinho, filho da dona Eyre, secretária do Ginásio, que quase matei enforcado e depois virou amigo de verdade, os Boldrin e as histórias do Rolando, nosso talento e orgulho, o teatro vermelho e verdadeiro da Dulce Muniz que me ensinou o amor às artes e à verdade, meu irmão guerrilheiro, o Dja, motivo do meu primeiro gesto de rebeldia, soltar um cheiro alemão, dentro da sala de aula, para ofender a professora que chamava os meninos de terroristas, depois de vê-los, com olhos de criança, torturados nos porões, o mestre Ivo Vanuchi, a Maria Lucia, e o Zé Ivo que virou prefeito, o pastel do Bitonti, o quibe do seu Dib e o sorvete do Guiniti, sabores eternos em minha boca, em minha alma. A barra é tudo tudo é barra. A tia Amália, a tia Leo, a Marta, a Heloisa, a Maria Amália e a Lúcia, nossa Julieta, o Wanderley e suas pernas voadoras, o capilé do seu Alcebiades, o Tomate, o Felício e a Isabel, o Donizete que tinha mais dedos nos pés, o Cutuba, a Maria pé-pu-mato, o Dominguiño sem calça e sua mãe benzedeira, que tirava nossos cobreiros com facões e rezas e eu morrendo de medo, a dona Abadia mascando fumo de rolo, os Toscano criando abelhas, os Lupoli e as meninas pianistas, o Baby, o Lulezo e Iracema, a grande, filhos do Dito pintor, o gigante Tobião, o Picoto nosso primeiro ator e poeta escrevendo causos e cortando cabelos de casa em casa, o basquete japonês dos Ides, o Luizinho recruta ainda, que me passou o maior susto na auditoria militar, fingindo que ia me prender naqueles tempos tenebrosos, os Mantovanni, os Basaglia, a Donana e a menina Cecília que perdemos por causa de um maldito raio, o Pansani, o Chiquinho da Casa Santo Antônio, o Kiko e a Teresa, o Manoel Lourenço de leites e gados, a vó Coló, o Arizinho e a Ofélia eternos amigos do pai e da mãe, a dona Catarina que nunca acreditou que o homem foi à lua, a Dalva, segunda mãe, que correu mundo e voltou pra ficar e discordar sempre, que também é preciso. A barra é tudo tudo é barra. A dona Silota que me ensinou a ter saudade de tudo isso, com seus eternos cabelos brancos, sempre cuidando do jardim e o quintal de goiabas, romãs, limões, pinhas, uvas e proteção, o Darcy que perdemos numa festa de São Pedro, com tétano, negligência médica, peraltice e fogos de artificios explodindo em suas mãos e peito e braços, talvez tivesse sido o mais rebelde dos irmãos, o seu Emiliano, quase pai, sempre cheio de cuidados e o padrinho Adyr e a madrinha Santa, o rio Sapucaí, o Espigão, onde nunca aprendi a jogar futebol, mas fui mascote na fotografia que guardo até hoje, a Baixada, o córrego da barra, os Deienno, o Ivan, a Jurema, os Mattaraia, dona Yvone, o Tim, a Regina, a pedreira na memória e o medo das explosões, a casa bancária dos Lessa e os Teixeira, com Sérgio e seus poemas e o Guto, amizade criança, a pintura do Norberto Stori, colorindo o mundo, que pedi pra nunca mais emprestar livro pra minha irmã pra que eu não tivesse que ir devolver, a poesia do Tom Pires, que virou doutor em literatura, numa terra de médicos, advogados e fazendeiros a dona Maria Helena, cheia de música, mulher do seu Ribamar, que tentou, em vão, me ensinar a cantar. A barra é tudo tudo é barra O footing na praça da matriz, a fonte luminosa, o padre Mário, voltando de manhãzinha do convento, o Jabur e o seu populismo nos pedais da bicicleta, os Maffei e a Ana Maria, os Puga, Carniato, Barbanti, Trombini, seu Poli da farmácia e a Dorinha, os Leonetti e a primeira livraria, veio dali o meu vício, os Ceribelli, as meninas dos Carrara, os Ravagnani e a Norma, mamã, a Itália toda, os Sostena e os sapatos, os Mauad, Badran, Nader, a casa Camelo com tecidos vindos das arábias, agora eu entendo essas minhas predileções italianas e árabes com seus espaquetes, quibes crus, raleu e coalhadas, mas Portugal não nos abandona, os Carvalho e Trindade e o gosto de bacalhau em minha boca com poemas de Pessoa, os Delmônico, o Nego Tomazini, meu adolescente amigo socialista e a gente cantando Sidney Miller escondido dos inimigos, os Parada, instrumentistas persistentes, e a banda no coreto, talvez tenha nascido aí meu amor pela música, os Pazzeto com suas novilhas e éguas, a família inteira com i, Iran, Ivan, Ian, Irana, Iana e tantos, todos filhos do seu

Crisóstomo e das águas, o pinga-pinga do ônibus da Viação São Bento, o prefixo da rádio ZYK4 em meus ouvidos, a Antonia, o Augustinho com sofás e mais sofás para o mundo, a madrinha Edna, a China e o Pitina que foram pra capital morar na rua topázio e nunca mais voltaram. A barra é tudo tudo é barra. O seu Agesópolis, nunca acertei o nome desse homem tão certo, pai da Simone, minha colega, que um dia chorou porque tirou uma nota nove, e hoje ensina todo mundo a ler, o Cido, mão santa da injeção, os Falleiros, a pharmacia, com ph, o seu Augusto farmacêutico, outro socialista, amante da literatura, tinha mais socialista do que podíamos imaginar, todos discretos, o seu Toninho Coronato cheio de fios, eletricidades e ternura e sua filha Luciola que me ensinou datilografia, os domingos no cine Mongol, os filmes proibidos que nunca pude assistir no Santa Cecília, o doutor Mário Rossi, que se enfiava na geladeira sofrendo de calor, os primeiros olhares, a Virginia, filha do juiz, a Lucélia, a Bell, e a filha do Saia, Maria Alice, a Mércia e a Stela Rossi, ah Stela em que estrela você se escondeu? A barra é tudo tudo é barra. A barra é esse nome de santo, São Joaquim, sempre sonhei mudar o nome da cidade, bem que podia se chamar Barra Vermelha por causa da cor da terra onde brota tanto alimento. E tudo é a mesma barra, de São Joaquim da Barra à Barra do São José do Rio Negro, sempre a vida. a barra é suave, a barra é pesada, a barra é a saudade que dói em mim, a barra é tudo que podia ter sido e não foi, a barra é esse menino que partiu e se perdeu no mundo, a barra é essa bruta distância em meu peito. a barra é tudo tudo é barra."